pertende fazer felizes com a ſua viſta? Parai o pranto, e refleti que ſe o Altiſſimo o não deixou ſentar no Trono, foi porque quiz leva-lo á Celeſtial Patria para de lá mais immediatamente, alcançar as graças que ſe hão de ver ſobre a Nação Porrugueza.

Porém ſe ainda eſta reflexão não apaga a voſſa ſaudade, lembrai-vos, (e eu vos prometo, ſe modefique a voſſa pena) que aquelle meſmo inſtrumento que imprimio com deſtreza em tão tenros annos no coração do Senhor D. Jozé, tantas, e tão raras virtudes, he aquelle meſmo que ſe tem empenhado, em comunicar outras tantas ſobre o peito do Senhor D. João, noſſo Auguſto Principe. Sim fiéis Portuguezes, em lugar do pranto, façamos, ſupliças ao noſſo Deos a fim de que nos conſerve quem tão feliz, e ſabiamente nos eſtá regendo. Peçamos-lhe tambem, dilate a precioſa vida do Senhor D. João, noſſo Auguſto Principe, eſteio de todo o Portugal. Em fim que toda a Caſa Real viva Neſtoreos annos, a fim de que vejamos eſſes chamados Seculos de Ouro.

E vós eſpirito ditozo, em recompença de tantas lagrimas derramadas de ſaudade, e de ternura, alcançai do noſſo Deos, a paz e o ſuccego para eſte Reino. Pedi ao Ente Supremo abençoe ao noſſo Auguſto Principe... Sim para que ſirva de noſſa conſolação. Alcançai a conſervação da noſſa Pia Soberana, voſſa May, pois faz as delicias da Naſção Portugueza; e a Vós meu Principe a terra vos ſeja leve.

F I M.

LAGRIMAS
DE
PORTUGAL,
NA MORTE
DO SERENISSIMO
SENHOR
DOM JOZÉ
PRINCIPE DO BRAZIL.

POR

M. S. M.

LISBOA
NA OFFICINA DE ANTONIO GOMES.
M. DCC. LXXXVIII.
Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

AO LEITOR.

MEU Leitor ſe tu fores, onde aſſiſtem
Os Córpos dos Monarcas Luzitanos,
Os oſſos vendo, que entre o pó exiſtem,
Conhece deſte Mundo os vis enganos:
Sabe pois, que a tal golpe naõ reſiſtem
Da terra nem os proprios Soberanos;
Repara bem nos Córpos, e no Templo,
E quanto vires, ſirva-te de exemplo.

SONETO.

QUe choras Portugal? Huma desdita.
Quem te obriga a chorar? A dura sorte.
A Parca em que te offende? Em dar-me a morte;
Pois contra mim o seu valor incita.

Explica Portugal, a que eu repita
A cauza, que te dá triste transporte:
Naõ temas de Megéra o infausto corte;
Pois quando o vai a dar, se precipita:

Declara-me qual he o teu tormento?
Arma-te de valor, depoem o susto;
Naõ me encubras mais tempo o sentimento.

Eis que Lizia me diz: Com braço adusto
Megéra nos roubou o antigo alento,
Em dar morte a Jozé Principe Augusto.

Gloza do meſmo Soneto

EM OUTAVAS.

I.

SE noutro tempo Lizia já cantaſte
De outro Joſé Auguſto a nobre vida,
E ſe feliz ha pouco te acclamaſte,
Vendo Marcia no Trono eſclarecida:
Se a gozas inda bem como gozaſte,
Se te alenta inda hoje engrandecida,
Eu te pergunto ſem findar a dita,
Que choras Portugal? Huma deſdita.

II.

Donde procede o mal que te atormenta?
Quem te cauza taõ triſte, e acerba pena?
Quem a mágoa te dá taõ violenta?
Fazendo-te viver em dura ſcena?
Quem arrancar-te a vida fero intenta?
Quem ſem razaõ alguma te condena?
Quem contra ti empunha obraço forte?
Quem te obriga a chorar? A dura ſorte!

III.

A Lizia me reſponde bem magoada;
A ſorte ás minhas penas dá motivo:
A Parca me quer vêr ſer deſgraçada:
Conſpira contra mim rigor eſquivo:
Moſtrando-ſe comigo ſempre irada,
Só tormentos me dá, naõ lenitivo,
Ao que eu pergunto em taõ fatal tranſporte
A Parca em que te offende? Em dar-me a morte.

IV.

E que morte te dá? Morte tyranna;
Pois dá o golpe, e me conſerva a vida;
Fazendo que por Lei a mais inſana
Desfrute os dias meus em triſte lida:
Naõ abranda o rigor, mas deshumana
Comigo ſem razaõ enfurecida,
De todo buſca vêr minha deſdita;
Pois contra mim o ſeu valor incita.

V.

Naõ aflijas mais tempo a minha idéa;
Nem enlutes meu triſte penſamento;
Patentea eſſa mágoa triſte, e fea
Que te faz padecer duro tormento:
Explica-me eſſa pena, que te enlea,
E que te enche de acerbo ſentimento?
E quem te cauza taõ fatal deſdita?
Explica Portugal, a que eu repita.

VI.

Conheço agora ser o teu cuidado
A grande falta do Principe Augusto!
Este golpe tem todos trespassado,
He em ti Portugal o pezar justo:
Seja com bem razaõ porti chorado
Este varaõ, que ao Mundo dava susto,
Pelos Pólos desculpa a mágoa forte,
A cauza que te dá triste transporte.

VII.

Porém eu vejo, que hum brilhante Nume
Quer socorrer-te, pois te vê aflito;
Cesse já, Portugal, o teu queixume,
As vozes escutando, que eu repito:
Naõ eleves teus ais até ao cume
Que vas invocar Phebo, naõ admitto,
Pois se quer amparar-te a mesma sorte,
Naõ temas de Megéra o infausto corte.

VIII.

Se o mesmo Nume busca defender-te;
Se elle firme promette de amparar-te,
Já naõ tens Portugal, de que temer-te,
Nem vejo, porque possas já recear-te:
A Parca em vaõ procura de offender-te.
Porque se o Ceo está da tua parte,
Da Parca o golpe naõ te dá desdita,
Pois quando o vai a dar, se precipita.

IX.

Diz Portugal; os golpes recébemos
Sem, ó Luzos, podermos reparallos!
A pena a mais acerba já soffremos,
Tanto a Monarca, como nós vasallos:
Sem ter remedio algum já padecemos
Os males, que me assusto de contallos,
Mas se Apollo te acode ao sentimento,
Declara-me, qual he o teu tormento?

X.

Eu temo, Povo meu, tirar-te a vida.
O nosso grande mal patenteando;
A tua Alma de dor será partida,
Taõ funestos suspiros escutando:
Porém mitiga, Pôvo, a grande lida
E vai attentamente reparando,
Que subio para o Ceo, o Heroe Augusto,
Arma-te de valor; depoem o susto.

XI.

Eu bem sei que esta mágoa he bem custoza,
Capaz de terminar-me os tristes dias;
Comtigo seja esta Alma desgostoza,
Sempre involta em crueis melancolias:
Conhecemos, repouza em paz ditoza
O nosso Inclito Heroe entre alegrias:
E se sentes, ó Povo, outro tormento,
Naõ me encubras mais tempo o sentimento.

XII.

Ser a falta do Principe ſentida;
Suppoſto eſtá na Bemaventurança,
He, Pôvo meu, da voſſa fé rendida
A reſpeitavel Caza de Bragança:
Sinto a perda tambem da ſua vida
Naõ tem golpe taõ féro ſemelhança
Quando niſto contemplo, involto em ſuſto,
Eis que Lizia me diz com braço aduſto.

XIII.

Por hum decreto do invencivel Fado,
Porque aſſim quiz a deshumana Parca,
Lamentamos o noſſo triſte eſtado
Pelas mágoas, que a ſorte nos demarca:
O Principe Joſé, o noſſo amado,
O tributo pagou, que o Mundo abarca,
Cuja morte cauzando ſentimento,
Megéra nos roubou o antigo alento.

XIV.

Portugal lhe reſponde, Lizia amada,
Naõ crimino teu juſto ſentimento,
Bem vejo como eſtás apaixonada!
Em te roubar a Parca hum tal portento;
Porém moſtra-te hum pouco ſocegada,
O bom Principe eſtá no Ethereo aſſento,
Conheço, que naõ foi o Fado juſto,
Em dar morte a Joſé Principe Auguſto.

O U-

OITAVA.

O Ceo, o Fogo, o Ar, e a meſma Terra;
O Salſo Mar, eſſe Elemento inchado;
Triſtes pezares no ſeu centro encerra
Correndo mais que nunca acelerado:
Das ſuas luzes Phebo ſe deſterra,
Secca-ſe a Fonte, naõ florece o prado,
Culpando o Fado (com razaõ) de injuſto
Em dar morte a Joſé, Principe Auguſto.

GLOZA EM SEXTINAS.

I.

NEſta morte por todos lamentada,
Neſta pena cruel, e rigoroza;
A Lizia vejo eſtar toda enlutada,
Chamando-ſe infeliz, e deſditoza
E com elle lamenta o mal, que encerra.
O Ceo, o Fogo, o Ar, e a meſma Terra!

II.

II.

Lamentaõ toda a noite, e todo o dia
Os Luzos de Joſé a infauſta morte;
Naõ luz a Aurora, como entaõ luzia,
Que os meſmos Ceos tiveraõ ſeu tranſporte!
E deſde entaõ ſe vê mais indignado
O ſalſo mar, eſſe Elemento inchado.

III.

Velóz naõ corre eſſe Pirois e Ethonte,
Eſpeſſas Nuvens todo o Ar enlutaõ
E ſó de Proſerpina, e Flagetonte
Triſtes gemidos retumbar ſe eſcutaõ;
E Neptuno, que vê taõ crua guerra
Triſtes pezares no ſeu centro encerra.

IV.

A cruel Parca, desleal, inſana
Viver a Potugal faz deſcontente;
O ferro deſpe, e o golpe deshumana
Vibrar intenta contra a Luza gente:
E o meſmo tempo contra nós irado
Correndo mais que nunca acelerado.

V.

Neſta mágoa, que a todos atormenta,
O manto azul o ſeu brilhar encobre:
Eolo darnos fim cruel intenta
Para que noſſa pena mais ſe dobre:
Moſtrando o mal, que no ſeu peito encerra.
Das ſuas luzes Phebo ſe deſterra.

VI.

Em taõ triſte, cruel, acerba ſcena,
Em que ſer-nos ſe moſtra o fado oppoſto,
Enlutados da mais acerba pena,
Dando moſtras fataes do ſeu deſgoſto:
Olhando ao noſſo laſtimozo eſtado
Secca-ſe a fonte, naõ florece o prado.

VII.

Soccegai voſſas penas, Luzitanos;
Porque inda neſte triſte deſamparo,
Contra a furia dos Aſtros deshumanos
Tendes junto de vós propicio amparo:
Vede o grande Joaõ, que eſtá robuſto
Culpando o Fado (com razaõ) de injuſto.

VIII.

Attentamente os olhos volto ao Ceo
Nas virtudes d' essa Alma esclarecida?
Pois quiz, que ella gozasse por troféo
Trocar esta caduca em eterna vida:
Porém comtudo o Fado naõ foi justo,
Em dar morte a José, Principe Augusto.

F I M.

SONETO.

SE Deos formou o homem taõ ſómente
Por dar-lhe o ſummo bem da eternidade,
Naõ póde haver maior felicidade,
Que morrer por viver eternamente.

Perdeo a vida o Principe excellente!
A viſta goza já da Divindade,
Santo decreto d'alta Mageſtade,
Que reſpeitar ſe deve humildemente:

Naõ chores Portugal! Rainha Auguſta,
O Ceo te concedeo, que te domina,
Apár de ti Joaõ, que o Mundo aſſuſta.

Occupa eſſe Aureo Trono, alta Heroína,
A perda, que tiveſte, a todos cuſta,
Ninguem póde fugir da Lei Divina.

18

8

ELEGIA

NA INFAUSTA, E INTEMPESTIVA MORTE

DO

SERENISSIMO SENHOR

D. JOSEPH

PRINCIPE DO BRAZIL,

OFFERECIDA

A' SAUDOZA PATRIA;

POR

JOAÕ XAVIER DE MATOS.

LISBOA

Na Officina de FILIPPE DA SILVA E AZEVEDO,

ANNO M.DCC.LXXXVIII.

Com Licença da Real Meza da Commissaõ Geral, sobre o Exame, e Censura dos Livros.